

O governo da Baviera vai liberar a publicação do *Mein Kampf*, de Hitler.

VOCÊ CONCORDA?

Não - Frederico José Falcão (pág. 6)

Sim - Jacques Gruman (pág. 7)



PRATIQUE ESPORTES NA ASA

PATINAÇÃO ARTÍSTICA

Segundas e quartas-feiras, das 18 às 20 horas
Professoras Fernanda Ferreira e Claudia Toledo
Mensalidade: R\$ 90,00



XADREZ

Segundas e quartas-feiras, das 19 às 20 horas
Professor Paulo Pereira
Mensalidade: R\$ 80,00



Informações na secretaria ou pelos telefones 2539-7740 e 2535-1808

E MAIS...

2 **EDITORIAL**
Racismo não

4 **AMIA**
Traindo o eleitor
MARCELO HORESTEIN

3 **LITERATURA**
O leiteiro de Guinsburg
REGINA IGEL

5 **CRÔNICA**
Da minha janela
RENATO MAYER

8 **SECURON (parte 8)**
Prisões e mais prisões
MOTL POLANSKY

10 **BECO DA MÃE**
A cor do nosso coração
HENRIQUE VELTMAN

12 **NOTAS**



Racismo não

Na chamada globalização, a regra é facilitar a movimentação do capital, não a de pessoas. As fronteiras estão cada vez mais fechadas, e são os pobres as principais vítimas. Em Israel, esses assuntos entraram na ordem do dia.

Nos últimos anos, fugindo de guerras internas e da miséria, milhares de africanos, sobretudo eritreus e sudaneses, entraram em Israel através da fronteira egípcia. A maioria radicou-se em Tel Aviv, onde constitui cerca de 10% da população total e habita os bairros mais pobres e negligenciados pela Prefeitura. Políticos de direita, com a complacência do governo Netanyahu, insuflam a população contra os africanos. O ministro do Interior, Eli Ishai, chegou a declarar, segundo a agência Reuters, que “a maioria dessas pessoas são muçulmanos que pensam que este país não pertence a nós, homens brancos”. Qualificou-os de “criminosos” e “disseminadores de doenças”. A deputada do Likud Miri Regev chamou-os de “câncer em nosso corpo”. O ódio, com base social e racial, já resultou em depredação de casas, lojas, veículos e uma creche. Agressões fizeram dezenas de africanos feridos. Falashas, confundidos com sudaneses por serem negros, foram ameaçados. ONGs israelenses denunciam a forma agressiva e desumana como as autoridades estão lidando com a situação.

O processo de deportação em massa, que inclui crianças nascidas em Israel, já começou sem que cada caso seja analisado, conforme determina a lei internacional. Israel é signatário da Convenção da ONU sobre refugiados, que exige a análise individual de pedidos de asilo. Há um outro dado importante, muito bem colocado por dezenas de intelectuais israelenses, que, num abaixo-assinado, lembram que “muitos dos fundadores de Israel eram refugiados e suas famílias sofreram de racismo e xenofobia”.

Esse clima truculento é um obstáculo sério para se resolver, sem açodamento, a questão dos africanos. Em nenhuma circunstância, porém, se deve aceitar o racismo, antítese das tradições humanistas do judaísmo. ■

Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação

Rua São Clemente, 155 – Botafogo
Rio de Janeiro – RJ – CEP 22.260-001
Tel:(21)2535-1808 Telefax:(21)2539-7740
Home page: www.asa.org.br e-mail: asa@asa.org.br

Presidente Mauro Band

Vice-presidentes Horácio Itkis Schechter z'/ e Gitel Bucaresky

Secretárias Tania Mittelman e Rosa Goldfarb

Tesoureiros Moisés Ghersgorn e Fany Haus Martins

Diretores Jacques Gruman, Clara Goldfarb,
Marcos David Somberg, Fanny Cytryn e Esther Kuperman



ASA JUDAÍSMO E PROGRESSISMO é o órgão informativo e de divulgação cultural bimestral da Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação.

Home page: www.asa.org.br
e-mail: asa@asa.org.br

Editora e Jornalista Responsável

Sara Markus Gruman - (Reg. Prof. nº 12.713)

Colaboradores do Boletim: David Somberg, Esther Kuperman, Heliete Vaitsman, Henrique Veltman, Jacques Gruman, Renato Mayer e Tania Mittelman

Programação Visual: Hama Editora

Impressão: Stamppea

Tiragem: 2.200 exemplares

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam necessariamente os pontos de vista da Diretoria da ASA. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desde que citada a fonte.

Regente Claudia Alvarenga



Coreógrafo ▶ Rafael B. de Castro

NA ASA

DANÇA ISRAELI

Toda terça, às 18h30

CÍRCULO DE LEITURA

EM PORTUGUÊS -

Quinzenalmente,

terças, às 15h30

CORAL DA ASA

Ensaios toda quarta, às 20h

Estacionamento no local
(pago) Saída S. Clemente
da Estação Botafogo
(sentido Humaitá)

O leiteiro de Guinsburg*

Regina Igel / Especial para ASA

Traduzindo diretamente do ídish *Gantz Tévye, der Milkheker* (leia-se o grupo *kh* como se fosse um “r” gutural em português), o professor Jacó Guinsburg presta um serviço pioneiro às letras judaicas no nosso idioma. A versatilidade idiomática do tradutor o coloca em indisputável vanguarda na divulgação deste romance em português. Profundo conhecedor e praticante do idioma ídish e igualmente excelso no conhecimento da língua portuguesa como professor universitário, ficcionista, editor e crítico teatral e literário, ninguém mais apropriado do que um J. Guinsburg para a versão em português desta obra. Extratos selecionados do romance e da peça teatral obtiveram aclamação internacional como comédia dramática encenada em inúmeros palcos (incluindo-se adaptações brasileiras) e como o famoso filme americano *O violonista no telhado*, projetado pelo mundo afora. A narrativa-monólogo íntegra e originalmente em ídish é agora apresentada pela primeira vez ao público leitor em língua portuguesa.

A voz narrativa ficcional é a do próprio leiteiro, o Tévye do título, que “conta” ao autor, Scholem Aleikhem, a vida que teve numa longínqua chácara nos confins da Rússia, como entregador de leite, queijos e outros produtos lácteos, estes preparados por sua esposa Golde e as sete filhas do casal. Sua freguesia eram os moradores de cidades e cidadelas vizinhas, povoadas por russos e ucranianos. Os escassos proventos que o leiteiro conseguia durante o ano aumentavam um pouco na época do verão, quando a região era invadida por ricas famílias, que vinham dos centros urbanos para a tranquilidade campestre do *locus amoenus*. Uma dessas famílias veranistas se constituía de uma judia viúva e milionária e seu filho, um jovem visto como “bon vivant”, mas de bom coração. O rapaz se apaixonou, e foi correspondido, por

uma das filhas de Tévye. Mas este era um simples e pobre leiteiro, e a mãe do rapaz impediu o desenvolvimento do namoro, abreviando as férias e desaparecendo do lugar, o que partiu o coração da então menina-moça, a menor das dramáticas consequências desse desenlace. Esta foi apenas uma das tragédias que afligiram a família daquele patriarca judeu, conforme contadas ao seu fiel ouvinte que, na análise final, somos nós, seus leitores. As histórias, a que Scholem Aleikhem daria o

O tradutor consegue com destreza maior manter a riqueza da tonalidade oral do relato.

formato de narrativas curtas, foram “ouvidas” da boca do leiteiro em encontros entre os dois, quando o escritor vinha ao seu retiro rural. Na “transcrição”, este cuidou em preservar a intensidade fonética da língua ídish, como proferida pelo simples, mas complexo Tévye, ressaltando seus tons de crítica e de humor sarcástico, os louvores desmedidos, as inúmeras citações talmúdicas, as amargas reflexões, os bordões, a inquebrantável fé nos desígnios divinos e tua a amizade pelo cavalo que puxava sua carroça carregada de tambores de leite, rodela e panquecas de queijo. Aleikhem também encontrou espaço para a saraivada de pragas proferidas aqui e ali pela esposa de Tévye, complementando o quadro arquetípico do judaísmo tradicional nutrido – e, na geração das filhas deles, duvidado e confrontado também por três delas – nos campos da Europa Oriental. Estas, alegrias e tormentos do casal, entram na narrativa como independentes da linha tradicional judaica de seus destinos, na escolha de seus companheiros. Quebra-se, então, a harmonia entre gerações.

A grande e desafiadora tarefa do tradutor foi manter a riqueza da tonalidade oral do relato, o que ele conseguiu com destreza maior. Na introdução, Guinsburg manifesta seu trabalho em “ouvir a prolação de Tévye, guardando algumas das inusitadas inflexões sonoras da mistura hebraico, aramaico, russo, ucraniano, idishizada, para retransmiti-la em português-brasileiro-paulistano, com sotaque judaico ...”. O ensaio “De Kasrilevke a Nova York”, de autoria do tradutor, extraído do seu livro *Aventuras de uma língua errante* (1996), revela mais informações sobre Scholem Aleikhem, pseudônimo literário de Scholem Rabinóvitch (págs. 243-252). Um útil Glossário complementa o volume.

A professora Berta Waldman, no seu prefácio a *Tévye, o leiteiro*, coloca os leitores em posição vantajada para a compreensão do texto, composto por dez capítulos, que têm suas idiossincrasias. Entre elas, a mostra de uma religiosidade folclórica e popularesca que tipificou o leiteiro como representante de uma parcela do povo judaico numa certa extensão de terras sob o regime tsarista, que interveio nas vidas dos judeus russos do século 19. Como indica a prefaciadora, a obra completa foi composta depois de ter sido apresentada como contos em folhetins e jornais em ídish. Daí a relativa independência de cada um dos capítulos, publicados entre 1894 e 1916, ano do falecimento de Scholem Aleikhem, aos 57 anos de idade. ■

Tévye, o leiteiro, por Scholem Aleikhem.

* *Organização, tradução, introdução e notas de J. Guinsburg. Prefácio de Berta Waldman; desenhos de Sergio Kon. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012. 266 páginas.*

Regina Igel é professora-titular e coordenadora do Programa de Português da University of Maryland, College Park (EUA).

Traindo o eleitor

Marcelo Horestein / Especial para ASA

A AMIA, Associação Mutual Israelita Argentina, tem uma função social e, após o atentado de 18 de julho de 1994, converteu-se também numa referência comunitária.

Muitos certamente se perguntam por que a AMIA não conseguiu formar uma nova Direção após as eleições de abril de 2011, quando nenhuma das quatro listas obteve maioria absoluta. Como é que não se chega a um acordo em benefício da “unidade comunitária”?

As eleições são indiretas, através de 90 representantes que têm a responsabilidade de designar por votação a nova Comissão Diretora. Cada um dos dois blocos que se formaram obteve 45 representantes, estabelecendo um impasse que motivou vários fracassos no decorrer deste ano.

Nas eleições, ano passado, confrontaram-se dois projetos claramente distintos: o do setor ortodoxo, do Bloco Unido Religioso, com sua visão particular do judaísmo, e o dos que propiciavam uma AMIA diversa, inclusiva, plural, na Ação Plural e Frente Comunitária.

O resultado eleitoral mostrou uma clara maioria de quase 60% deste último setor, que permitiria uma condução sem exclusão dos outros setores, assegurando o cumprimento de seus programas, de resto quase idênticos.

O que deveria ser um processo natural dadas as coincidências programáticas viu-se entorpecido por um setor minoritário da AMIA é de Todos, orientada pelo rabino Sergio Bergman – hoje transformado em político, deputado da cidade de Buenos Aires pelo PRO, partido de direita liderado por Mauricio Macri –, que naquele momento integrava a Frente Comunitária. O rabino Bergman se opôs a uma aproximação com a Ação Plural propiciada pelo Avodá e representantes das entidades sociais e desportivas, provocando o rompimento da Frente Comunitária, e passou a apoiar o Bloco Unido Religio-

so, contradizendo os eleitores da Frente Comunitária.

Formaram-se desta forma os dois blocos a que nos referimos no início. No acordo eleitoral assinado pela Ação Plural e a Frente Comunitária para atuar nas futuras eleições estão sintetizados os princípios programáticos contidos nas respectivas propostas e se reafirma o compromisso de respeitar a vontade das urnas.

Votou-se pelo reconhecimento da identidade de todas as correntes religiosas e de pensamento e, conseqüentemente, pelo direito a ser sócio pleno da AMIA, coisa que hoje não ocorre. Votou-se pelo direito

A AMIA necessita uma condução que garanta a pluralidade.

a sepultamento segundo as normas rituais judaicas em outro cemitério administrado pela AMIA, porém sob controle religioso de correntes não ortodoxas, coisa que hoje não ocorre; pelo direito à educação judaica evitando-se a exclusão por razões econômicas e garantindo a diversidade de pensamento nos conteúdos dos valores criados por nosso povo durante toda a sua História, coisa que hoje não ocorre, e não ocorrerá se não houver uma mudança de condução da AMIA.

Não é, portanto, uma pretensa falta de vontade de chegar a um consenso em benefício da “unidade comunitária” o que guia estas condutas, consenso este que, sem um programa claro esconde a camaradagem na partilha de cargos e a manutenção do status quo. Também não é um pretenso personalismo nem o afã de “ganhar” ainda que “tenhamos perdido”. E se todos estes fracos argumentos fossem pouco, o mentor máximo do Bloco Unido Religioso tem se dedicado a proclamar

aos quatro ventos que só a ortodoxia é capaz de manter os valores judaicos, menosprezando a atividade das entidades sociais e desportivas e outras instituições comunitárias. Muitos foram tachados de terroristas e mafiosos.

A saída para o impasse foi encontrada na assembleia de março passado, quando os sócios decidiram por uma nova eleição, em abril de 2013.

O nosso compromisso foi, é e será com os princípios programáticos sintetizados nos 14 pontos da nossa proposta eleitoral. Mas é fundamentalmente com quem nos apoiou nas urnas, o que permitirá manter vivo todo o nosso esforço para que se tornem realidade.

Como o ICUF se envolveu nessas eleições? Primeiro, aderiu ao Polo do Judaísmo Plural junto com a Convergência e o Meretz. Não foi um desafio menor, já que o ICUF não participava das eleições havia 59 anos. Tomada a decisão, criou-se a coalizão Ação Plural, integrada por Plural Hai, Sionismo Independente, Sionismo Apartidário, Meretz, Convergência e ICUF.

Com o regresso do ICUF às eleições, modificaram-se as alianças e se começou a mencionar a participação da esquerda comunitária. Para muitos, uma surpresa, para nós, um forte desafio – colaborar para a construção de uma comunidade mais justa e inclusiva, onde se considere judeu todo aquele que assim se sinta por seus antecedentes históricos, por laços familiares, por suas tradições, acervo cultural ou decisão pessoal.

Finalmente, nessas eleições ficou transparente o que sempre se procurou ocultar: que a comunidade judaica é diversa e plural e que, para abranger esta realidade, a AMIA necessita uma condução que nos inclua a todos, comprometida em garantir essa pluralidade em todos os níveis e circunstâncias. ■

Marcelo Horestein é secretário-geral do ICUF/Argentina.

Da minha janela

Renato Mayer / Especial para ASA

Começo por dizer que gosto dos Lubavitcher. É para sua sinagoga, aqui perto de casa, que me dirijo nas Grandes Festas, em particular, no Iom Kipur, quando preciso compartilhar e resgatar minha identidade histórica. Eles são acolhedores, e há sempre um lugar, em pé (pois as cadeiras são pagas), para quem mantém, por pequena que seja, a “fagulha divina”.

Da minha janela, contemplo a rua, uma ladeira por onde passam vários deles, sós ou com suas famílias. Há um rabino sempre apressado, que se move para cima ou para baixo, com passo decidido e uma pastinha na mão, além de um invariável celular ao ouvido. Não resisto a me perguntar se está numa ligação direta com D-us ou se é bem mais trivial o motivo, talvez avisando à esposa que está chegando para o almoço ou listando o que falta nas compras do supermercado.

Nos dias de Sucot, encontrei-o no meio-fio da avenida por que passa o canal, empunhando aquela palmeirinha, o *lulav*, e o limão siciliano, *etrog*, na outra mão. Eu vinha da academia de ginástica, suado, mas atendi ao seu aceno para que me aproximasse:

– Já rezou sua *brahá* de hoje?

Sem mesmo me dar tempo para uma resposta, sacou célere uma *quipá* do seu bolso, enfiou-a na minha cabeça, transferiu tudo para minhas mãos e me fez repetir as palavras da reza. Deveria ter ficado muito estranho para quem passasse ver aquele cara de calção e camiseta, o rosto cansado pelo

esforço físico recente, com solidéu, diante de um homem de barba, chapelão e terno preto, com a filhinha do lado, quase na beira da calçada, balançando aquele ramo de palmeira e a cabeça ao ritmo das palavras.

A cena me trouxe a lembrança curiosa de um primo que, em Nova York, foi várias vezes convocado de surpresa a entrar em uma “Sukkah-mobile”, uma espécie de van adaptada e fechada atrás para trazer judeus das ruas às preces do dia. Isso começou (mais tarde generalizou-se) em meados da década de 1970, uma invenção do *Rebe* de Luba-

Gosto dos Lubavitcher.

vitch para reacender em judeus seculares e “alienados” a chama do judaísmo e de sua observância. Pegavam a todos na rua.

Menos graça achou um amigo, também em Nova York, hospedado em um hotel. Sabendo-o um Lewin, um ortodoxo o abordou e insistiu que o acompanhasse ao seu quarto para as orações. Ele acabou por consentir e de lá saiu, provavelmente mais em paz com o Todo-Poderoso, mas atordado pelo abafamento daquele aposento que cheirava a uma mistura de comida e roupa gasta pelo uso diário.

Os habitantes do Leblon têm, na sua liberalidade, algo em comum com os nova-

iorquinos. Já se acostumaram com a presença desses homens de terno escuro, chapelão de aba larga, gravata discretíssima, mesmo num quente sábado de verão, quando eles passam de sobrecasaca, indiferentes à temperatura, mas na elegância apropriada a quem recebe uma noiva, o Shabat.

O que, sim, faz por vezes as cabeças se virarem, numa mirada que acompanha quase com admiração, são suas mulheres, com mangas sempre compridas e saias até os pés, frequentemente grávidas, empurrando um carrinho com duas crianças, mais uma pendurada no estribo e a quarta, maiorzinha, puxada pela mão ou correndo atrás das outras.

A determinação com que se conduzem é algo, porém, que me desperta respeito e até uma certa inveja. Nada interrompe o seu caminho, em volta nada os distrai. Em fevereiro, em pleno sábado de Carnaval, com dois blocos vindos em sentido contrário pela principal avenida do bairro, um dos rabinos, com seus três filhos pequenos, em impecáveis camisas brancas e *tsitsit*, passou rumo à sinagoga por aquela movimentação pagã, sem se deter por um minuto sequer, sem desviar o olhar ou fazer uma ligeira apreciação; cruzou entre os blocos como se nada estivesse acontecendo, como se aquela alegria de uma outra gente não o pudesse contaminar por um minuto que fosse, naquela tarde de calor. Inesquecível. ■

Renato Mayer, economista, é colaborador deste Boletim.

Martins Associados - Advocacia Trabalhista e Societária

Rua Senador Dantas, 20 Gr. 1509 - Centro - Telefone: 2240-9808

Rosana Yentas - Psicoterapia / Orientação Profissional

Consultórios: Botafogo e Tijuca - Cel.: 9956-5466

Helena Kaplan - Psicoterapia e Psiquiatria

Consultório: Rua Barata Ribeiro, 383 / 405 - Copacabana
Telefone: 2255-7491

Mauro Acselrad - Psiquiatria Clínica

Rua Joana Angélica, 217 – Ipanema
Telefones: 2522-1794/ 2523-3852 | E-mail: acsel@globo.com

Camila Kushnir
Psicanálise para adolescentes, adultos e idosos

Consultórios: Humaitá e Tijuca - Cel: 8477-4648

Anna e Heloisa Araujo Eventos
Cerimonial e Logística - Buffet próprio

Telefones: 2553-7013/2552-6929/8829-6929
E-mail: heloisa.ams@oi.com.br

Não se deve editar

Frederico José Falcão / Especial para ASA

Por que não se deve editar mais o *Mein Kampf*? Para responder a esta pergunta, deve-se começar respondendo a uma outra: a quem interessa a existência de novas edições do livro de A. Hitler? Pode-se dizer, à guisa de introdução, que a disseminação dessa obra, hoje, vai ao encontro das ideias do liberalismo burguês, defensor do mais amplo “direito individual”, inclusive aquele que diz respeito ao acesso a qualquer obra, criticando quaisquer limitações como se se tratasse de uma censura e argumentando que cada um deve ser capaz de optar por aquilo que mais lhe interessa. A essa visão de “liberdade” pode-se contrapor, por exemplo, que a distribuição desses livros entre crianças e jovens, ou mesmo entre parcelas da população adulta, corresponderia ao risco de estimular e reproduzir – como já ocorrido tempos atrás na Europa – conflitos baseados em divisões artificiais entre as pessoas que tentam encontrar os culpados pela crise que se abate sobre elas. A situação dos imigrantes em uma Europa envolvida na crise capitalista atual, sendo culpabilizados pelos problemas existentes e sofrendo perseguições e ataques por parte de organizações e lideranças da direita burguesa, só se agravaria com a propagação das ideias de ódio étnico, entre outras contidas na referida obra.

Mas há outro tipo de gente a quem essa

publicação certamente interessa: os governantes e grupos políticos e econômicos que os apoiam e que hoje mantêm a dominação sobre parcelas da população mundial; aqueles que constroem longos muros para separar homens e culturas, que espalham

A obra de Hitler está presente em cada discurso da extrema-direita.

a discriminação étnica ou de qualquer viés entre os povos, os que utilizam de forças militares e mentiras para invadir territórios alheios, rasgando quaisquer tratados de direito internacional sobre a soberania dos povos, e os que reprimem da forma mais violenta a revolta dos dominados, torturando, matando, utilizando todas as diferentes mídias para disseminar a falsidade e a confusão. Tudo bem ao feitio das ideias desenvolvidas no *Mein Kampf*. As viúvas do ultranacionalismo, do anticomunismo, do Estado hipertrofiado, do “crer e obedecer”, do racismo e da guerra devem estar nas nuvens com a possibilidade de reedição da obra de Hitler...

Os que defendem o fim da dominação entre os homens e entre os povos, que lutam contra as guerras e as ideias de superioridade entre os seres humanos, devem rejeitar essa reedição. Não por serem defensores da censura, da queima de livros dos opositores, como faziam os seguidores do *führer*, mas porque não podemos deixar que se envenene a sociedade com mais projetos de dominação e superioridade nas relações sociais e de racismo, principalmente neste momento de crise do capital, quando líderes burgueses apregoam que a culpa do desemprego é dos imigrantes, dos “de fora”, dos diferentes. A obra de A. Hitler, e aqui não me refiro ao livro, mas ao conjunto daquilo que ele realizou e liderou, fala por si mesma. A barbárie nazista, ao contrário do que afir-

mam certos setores que estão enganados ou estão enganando, não acabou com o final da Segunda Grande Guerra ou com a morte dos carrascos nazistas. Ela está presente em cada discurso da extrema-direita atual, de um setor não pequeno da população que é ganho para ideias de que a crise não é culpa dos detentores do grande capital, mas do seu vizinho que é negro, judeu, boliviano ou socialista. Vejam a lista de comentários a matérias que dizem respeito ao nazismo na internet. São mensageiros do ódio, em geral jovens, desempregados e desiludidos com a sociedade e o futuro. Não esqueçam os que lerem estas linhas que foi desse criadouro que tomou feições mais terríveis o monstro do nazi-fascismo.

Não permitamos que esse monstro tome forma novamente, como uma fênix bárbara e destruidora. Que existam volumes desse tipo de livro em bibliotecas para estudo e pesquisa, mas não uma publicação ampla, voltada a ganhar corações e mentes sob o beneplácito de nazifascistas enrustidos ou escancarados. ■

Frederico José Falcão, doutor em Serviço Social pela UFRJ, é professor de História na UFRRJ e faz parte da diretoria do ANDES - Sindicato Nacional.

Doce De Leite
Confeitaria artística
Tradição em bolos e doces

Fazemos as delícias do seu evento

Pão de Mel - Doces
Bolos - Bem-casados

CARDÁPIO JUDAICO

21 2551-2630 (Claudete)
3657-8812 (Graça)

bervel
Bervel
empreendimentos

Administração de condomínios
Locação de imóveis
Assessoria imobiliária

Centro: 2212-6100
Fax: 2212-6101
Barra: 3321-5871 / 3325-4241
Fax: 3325-1555

www.bervel.com.br • bervel@bervel.com.br

Acendendo a luz

Jacques Gruman / Especial para ASA

Meu neto está na fase dos medos. Acredita que um monstro habita o sétimo andar do prédio onde moro. Quando acendo a luz que dá acesso à escada e subo com ele à “casa do monstro”, vê que não há nada e se acalma. Mal a luz se apaga, o medo reaparece. Esse jogo de claro/escuro ensina muito sobre os medos em geral. Não há fantasma que resista à claridade. Vampiros fogem da luz. O clandestino, o invisível, ganha cores e dimensões distorcidas, heroicas ou apavorantes dependendo das fantasias de quem as imagina.

Desde o final da Segunda Guerra Mundial, o livro *Mein Kampf*, de Adolf Hitler, está banido na Alemanha. Agora, o governo da Baviera anuncia que em 2015, quando caducarem os direitos autorais da obra, vai liberar sua publicação. Antes, para evitar um frisson comercial e utilização maliciosa, imprimirá uma edição comentada por historiadores respeitados, contextualizando a obra e alertando para as consequências do nazismo. Markus Soeder, secretário de Finanças da Baviera, comentou que “nós queremos trazer à luz o amontoado de nonsense que aparece no livro”.

Será que este misto de autobiografia e projeto político do ditador nazista tem realmente o poder de destruição que lhe atribuem? Não acho. Escrito nos anos 1920, durante a prisão de Hitler, articula uma espécie de destino manifesto da “raça ariana”, materializado no expansionismo para as terras do leste e centrado no combate a dois inimigos principais: os judeus e os bolcheviques. Ele aparece numa quadra histórica muito particular, com a Alemanha humilhada pelo Tratado de Versalhes, dilacerada por uma profunda crise econômica, agitada por mobilizações de massas (estimuladas pelo exemplo da Revolução Russa e pela ascensão da esquerda revolucionária: no início dos anos 1930, o Partido Comunista Alemão chegou a ter quase 20% do eleitorado, com ten-

dência a crescer). A burguesia alemã estava assustada, buscando formas de sufocar o que a ameaçava. Os nacional-socialistas foram cevados nessas circunstâncias, que, claro, são muito diferentes das que hoje vivemos.

Que impacto poderia causar a leitura do *Mein Kampf*? Antes de mais nada, é importante notar que a liberação do livro é uma falsa questão. Qualquer um pode lê-lo. Com menos de 10 dólares compra-se pela internet uma edição em inglês, sem a menor dificuldade. Há versões em português, disponíveis em sebos reais e virtuais.

Vedar o acesso ao texto é homenagear o demagogo austríaco.

Se um movimento neonazista quisesse, poderia produzir edições piratas enormes e distribuí-las a granel. A tecnologia de reprodução é acessível e barata. Não consta que isso tenha sido feito, e a razão é simples: grupos de extrema-direita na Europa têm suas próprias palavras de ordem; em comum com o óvulo hitlerista, apenas o ódio racial e ao estrangeiro. A senhora Le Pen ganhou uma penca de votos na última eleição francesa sem apelar para padrinhos bibliográficos. Bastou ligar o alarme no desemprego e conectá-lo aos imigrantes “não brancos”. Para esses grupos, uma associação direta com a herança nazista é politicamente inconveniente.

Na clandestinidade, o *Mein Kampf* ganhou caráter de fetiche. É como se ele condensasse a fórmula do Mal – lê-lo traria o risco de contaminação. Mantê-lo assim é um erro grave. Não se compreenderá o nazismo com esse reducionismo. Também não faz o menor sentido imaginar que sua reprodução em massa traria efeitos devastadores, como aconteceu na Europa com a ascensão do nazismo. A História não se



Reprodução
Capa da primeira edição, 1925

repete como uma fórmula matemática ou uma lei da Física. Pensando bem, ocorre exatamente o contrário do que especulam os alarmistas. Manter a censura só serve para sustentar uma aura imerecida, como a do monstro que assusta meu neto. Os demônios se nutrem na penumbra.

Respeito os temores daqueles que sofreram a barbárie nazista. Os traumas da violência e da selvageria de que foram vítimas são inapagáveis. No entanto, convidando-os, e a todos os que acreditam no poder persuasivo da informação e do diálogo, a refletir sobre a posição do Conselho Central dos Judeus da Alemanha. Seu presidente, Dieter Graumann, considerou a decisão do governo bávaro “responsável” e “uma boa ideia”. Em 2009, a entidade já havia se pronunciado no mesmo sentido. Essa lucidez tem fundamento em sólida convicção democrática. Afinal de contas, não deixa de ser uma homenagem póstuma ao demagogo austríaco usar a censura para vedar o acesso ao texto, por mais execrável que ele seja. Censores têm o mau hábito de infantilizar o público.

Que se libere o *Mein Kampf* e, se necessário, que venha o debate! ■

Jacques Gruman é diretor da ASA e colaborador deste Boletim.

Prisões e mais prisões*

Motl Polansky

Inesperadamente, um grupo de agentes de segurança da cidade de Chotin saltou o Círculo Sholem Aleichem. Na biblioteca, prenderam Haim Waichenker, o Katzop, junto com os livros. Na gendarmaria, tentaram de todo jeito obter dele alguma informação sobre o trabalho comunista clandestino do Sholem Aleichem, sobre quem havia organizado a greve dos sapateiros e sobre a história do monumento, ocorrida muito tempo antes.

O monumento fora levantado em homenagem a um tenente romeno chamado Parkach, morto perto do Dniester. Na inauguração, os representantes do governo fizeram discursos cheios de ódio contra a União Soviética, lançando insultos aos bolcheviques. No dia seguinte, encontraram a placa de mármore quebrada em pedacinhos e, na pedra, gravada, uma estrela de cinco pontas. O governo se calou sobre o caso e o monumento foi consertado. Agora, torturavam o Katzop para que revelasse quem fizera o trabalho. Katzop permaneceu mudo como uma parede. A denúncia, supunha-se, viera dos patrões assustados com a onda de greves na cidade.

Corriam também boatos de que haveria mais prisões e buscas de livros proibidos em todas as casas. As pessoas começaram a esconder tudo que era papel nos sótãos e nas adegas e até a jogar nos poços. Pela manhã, quando os vendedores de água puxaram a água dos poços, os baldes vieram cheios de livros e papéis. Os jovens mais conscientes, inconformados com essa barbaridade, e muita gente idosa procuraram salvar os livros mais valiosos. Um foi o nosso vizinho Alter, faxineiro da sinagoga. Seu filho Yankel, empregado no comércio, havia tomado parte ativa no sindicato dos empregados do comércio e na greve. Temeroso, o pai me disse: “Motl, eu tenho um lugar muito bom para os seus livros, onde já guardei os do meu filho.” Eu tinha de fato alguns comprometedores, entre eles *O capital*, de Karl Marx. À noite,



Reprodução

Quando puxaram a água dos poços, os baldes vieram cheios de livros e papéis.

com um pacote de livros, entrei com Alter pela porta dos fundos da sinagoga. No local santo atrás do armário com o *Pentateuco*, ele escondeu os meus livros junto com os do filho. “No armário de Deus, eles nunca vão procurar nada.” Perplexo, e com muito respeito, agradei a sua boa vontade.

Katzop saiu da prisão sombrio, calado sobre o que havia suportado nas mãos dos carcereiros. O Círculo Sholem Aleichem foi fechado, os livros, confiscados, e proibida rigorosamente qualquer atividade cultural. A turma ficou abatida como se tivesse havido um pogrom. Alguns nem apareciam na rua, de medo. Adoei dos pulmões. Tossia, cuspi sangue e era obrigado a ficar deitado de lado, imóvel, nesta posição tomando os remédios, comendo e bebendo. Meus amigos, preocupados, vinham sempre me visitar. Alguns passavam a noite ao meu lado, como Idel, Ita e Hérshle. Para me distrair, liam livros ou contavam histórias. Ita, que nunca havia comentado com ninguém sua doença dos pulmões, disse: “Veja só, estou doente há

tanto tempo e até hoje nada houve e não sinto coisa alguma.”

De repente, Idel deixou de vir. Depois vim a saber que dois agentes de segurança se apresentaram com um mandado para prendê-lo. Idel imaginava que havia ligação com a prisão do companheiro a quem havia entregue um pacote de brochuras para ser levado até Lipcan. Mandaram-no para Yas. No interrogatório, o rapaz foi trazido para acareação. Dizendo que nem o conhecia, Idel cuspi em sua cara, negando tudo. A Justiça condenou os dois a cinco anos de prisão. Em Beltz, prenderam Tchermodanov, que ajudara a organizar a primeira greve de nossa cidade. Na Segurança de Beltz o torturaram terrivelmente. Queriam nomes. Bateram nele com pedaços de trilho de ferro onde estava escrito com giz branco “eu digo”. Colocavam estas palavras a toda hora diante de seus olhos. As letras brancas ofuscavam sua vista, cortavam seu cérebro, deixando-o meio demente. Por fim, amarraram-no embaixo de uma torneira que pingava sem parar gotas de água gelada sobre sua cabeça raspada. Dessa vez, ele perdeu a razão.

Foram feitas várias prisões em diversas cidades da Bessarábia. Em Securon, prenderam Hérshle, Katzop, Ita Kucuruza e outros, pretextando uma suposta denúncia de Tchermodanov. Mas todos sabiam que era mentira, pois Tchermodanov não conhecia o nome de ninguém. A polícia não me encontrou em casa porque eu havia viajado para Kimpalong, local onde se curavam doenças dos pulmões.

Enquanto duraram os interrogatórios, toda a cidade esteve aterrorizada. O principal agente da Segurança era Panievsky, conhecido como “a raposa esperta”. Sua aparência era de um homem inteligente, delicado e de modos democráticos. Quando não tinha problema com alguém de esquerda, era um gentleman. Mas quem caísse em suas mãos passava por maus

momentos. Com Katzop, ele cometeu as mais atrozes torturas.

Após fracassar na tentativa de uma conversa amigável, Panievsky mandou que seus homens enfiassem agulhas por baixo das unhas de Katzop. Rangendo os dentes, dizia: “Você diz que não conhece Tchermodanov? Mas ele te mandou lembranças.” Haim encolhia-se todo: “Não o conheço.” “Bem, uma agulha bem pequena para você obedecer”, dizia sarcasticamente Panievsky. “Traga os ovos quentes!” E sob as axilas nuas de Haim os ovos queimaram o seu corpo e todo ele ficou azul. Os dois comissários de polícia que tinham vindo de fora especialmente para assistir ao interrogatório eram sádicos refinados.

Uma noite, depois da tortura, um deles aconselhou: “Não seja teimoso, diga que conhece Tchermodanov, se não você não vai aguentar nem até o julgamento do processo.” Haim, todo machucado, cansado, continuou deitado sem levantar a cabeça. “Escute aqui, moço, você quer que estes sejam seus últimos minutos de vida?” Haim não respondeu. “Você cala, cachorro”, berrou o comissário. Agarrou Haim pelo pescoço, arremessou-o para fora da cela e ordenou que subisse para um balcão do andar superior. Lá, encostou o cano do revólver na cabeça de Haim. “Rapazinho, depende só de você. Não seja bobo e cuide de salvar a sua vida, você viveu muito pouco.” Haim ficou dominado por um profundo nojo: “Pare com esta comédia, as sessões infundáveis do Panievsky não me amedrontam mais.” A paciência do comissário se esgotou. Cheio de raiva, trêmulo, disse uma porção de palavrões, agarrou Haim e jogou-o do balcão.

Longo tempo Haim passou no hospital, dentro de um colete de gesso, com a coluna quebrada, os ossos fraturados. Na Segurança, o resto do pessoal comportou-se às vezes até com agressividade. Hérshel Cohen, em um pesado interrogatório, jogou um porta-cigarros de metal na cara de Panievsky. Este bateu nele barbaramente, prendeu seus dedos na porta e o pendurou no teto de cabeça para baixo. Mas Cohen não revelou coisa alguma.

Ita Kucuruza, embora doente e fraca, também não foi poupada. Precavida, suas

respostas eram curtas, de aguda inteligência e ironia mordaz, o que irritou muito os comissários. Durante um interrogatório, Panievsky disse: “Você nega conhecer o Tchermodanov, mas há pouco o Haim admitiu que você e ele se encontraram com Tchermodanov.” “Ao Haim, eu conheço”, disse Ita com calma, “e eu quero ouvir isto da boca dele.” Enraivecido, Panievsky começou a espancá-la barbaramente. Então, Ita pronunciou apenas uma palavra: “Inteligente.” E cuspiu na cara dele.

A “raposa esperta” começou a usar outra tática: tornou-se muito meigo. “Você nem pensa que um dia vai se arrepender de algumas das suas conclusões?” “Eu penso, sim”, respondeu ela. “E estou arrependida de cuspir na sua cara. Nem isto o senhor merece.” Em outro interrogatório, um dos comissários tentou provocá-la: “Judia! Por que você nega tudo? Está muito claro que

Da prisão, Ita saiu um pouco mais magra, pálida e com uma leve tosse.

tudo que é judeu é comunista.” Ita, não querendo que aquela calúnia – que sempre servira para atizar raiva contra os judeus – ficasse sem resposta, retrucou: “Não é verdade. Tanto assim que todos os judeus ricos são contra o comunismo.” O comissário tratou de sair fora: “Mas, afinal de contas, vê-se que todos os comunistas são judeus.” “Isto também é mentira. Entre os comunistas há muitos romenos, moldávios, ucranianos. E Tchermodanov também, em torno de quem vocês fazem tanto alarde.” “Diabólica boca!”, berrou o comissário, fazendo uma careta selvagem.

O processo desse grupo prolongou-se por vários dias. No discurso de defesa, o advogado Schraiber fez uma análise da situação do país. Quando tocou concretamente no assunto do terror, que, desconhecendo leis e direitos constitucionais, realiza frequentes prisões por razões de convicção ideológica, o presidente da corte deu a entender que uma

defesa desse tipo cheirava a propaganda política contra o poder. Um interessante incidente ocorreu entre Hérshel e seu advogado.

Em sua exposição, o advogado caracterizou seu cliente como um rapaz ingênuo, que fora induzido ao mau caminho. Hérshel pulou de seu lugar: “Um advogado honesto tem que defender a verdade. Como já disse durante o interrogatório, de acordo com minha convicção, sou comunista, e isto não pode ser considerado crime.” O veredicto foi forte: Katzop e Hérshel, condenados a quatro anos de prisão, Ita, a três. O salão estava cheio de funcionários, policiais em trajés civis e agentes de segurança. Ita lembrou-se de sua mãe, que estava na cidade esperando alguma notícia, e do pequeno grupo que num curto período de tempo se desenvolvera num movimento sério. Recordou-se de como ensaiava com os amigos o hino do proletariado, a *Internacional*:

“Despertem, todos os que como escravos / Vivem com fome e privações.”

Regendo com as mãos, começou a cantar em voz alta as primeiras linhas da canção. Todos os condenados a acompanharam. Tumulto no salão. Por essa ousadia, o juiz complementou as penas com mais seis meses para cada um.

Da prisão, Ita saiu um pouco mais magra, pálida e com uma leve tosse. Mas era a mesma pessoa viva, com o mesmo brilho nos olhos. O encontro com os amigos foi caloroso. Ita se interessou por cada um em separado. Contou sobre seus companheiros que ainda ficaram na Segurança, sobre Hérshel e seu comportamento na cadeia, sobre a greve de fome coletiva e sua luta com a administração da cadeia para que Katzop, que estava doente e machucado, fosse transferido para o hospital.

Quando Panievsky, que se lembrava muito bem da cusparada no rosto, a encontrou na rua, dirigiu-se a ela com toda a delicadeza: “Ah, quem vejo? Ita Kucuruza! Quero crer que agora vai desistir desse trabalho...” A resposta foi curta: “Isto não é um trabalho, é uma arte.” ■

Tradução de Isaac Acselrad.

* Os capítulos anteriores estão disponíveis no site da **ASA**.

A cor do nosso coração

Henrique Veltman / Especial para ASA

O conselho editorial deste bravo boletim pediu que eu explicasse, numa crônica, minha devoção ao Ameriquinha. É disso que trata, hoje, o meu texto, de sangue, suor e lágrimas.

No bar-mitsvá ganhei do meu irmão o título de sócio do América. Quem assinou a proposta foi Lamartine Babo. Naquela época, 1949, Moysés z'l era dublê de redator e operador de mimeógrafo na Rádio Mayrink Veiga, onde o Trio de Osso (Heber de Bôscoli, Yara Sales e Lamartine Babo) se apresentava quase todas as noites, no horário nobre da PRA-9. Foi assim que eu e Lalá firmamos uma aliança eterna, de amor incondicional ao Ameriquinha.

AS SENHORAS DA WIZO

Hei de torcer, torcer, torcer... / Hei de torcer até morrer, morrer, morrer... / Pois a torcida americana é toda assim / A começar por mim / A cor do pavilhão é a cor do nosso coração / Em nossos dias de emoção / Toda torcida cantará esta canção / Campeões com a pelota nos pés / Fabricamos aos montes, aos dez / Nós ainda queremos muito mais / América unido vencerás!

Anos atrás, participei com o Zevi Ghivelder de uma reunião com senhoras da Wizo (ou das Pioneiras) na Hebraica-RJ. Lá pelas tantas, uma delas cobrou a minha relação com o Ameriquinha, outra recorreu o hino do Lamartine e, pimba!, como diria o Raul Longras, logo estávamos, eu e a plateia, cantando o *Hei de Torcer...*

Coisas que só acontecem com o América, não é mesmo?!

TIO BÓRUCH

Meu inesquecível tio Bóruich (era Boris, mas a gente só o conhecia pelo nome em ídish, sotaque bessarábio) me levava, a partir dos meus 9 anos, para ver os jogos do Campeonato Carioca. Às escondidas de minha mãe. Ele gostava de futebol, mas não torcia por nenhum time. Foi assim que vi de perto o Botafogo, o Vasco, o Flamengo e o Fluminense. Vi e vibrei com

Zizinho. Mas, sobretudo, com o América de Osni, Grita, Danilo e Maneco, o Saci de Irajá, que até foi capa da revista *O Cruzeiro*. Qualquer semelhança com o Neymar de hoje não é mera coincidência.

Foi amor à primeira vista.

SINUCA E VÔLEI

Não sei quem nasceu primeiro, se o ovo ou a galinha. O fato é que, aí pelos anos 1950, minha turminha de hebreus aprendeu a jogar sinuca nas mesas do América, ali na Rua Campos Salles. Menores, não podíamos frequentar as sinucas da cidade (às vezes, enganávamos a vigilância), mas na sede do AFC isso era possível. Foram tardes maravilhosas em que meninos judeus adestravam suas habilidades nas mesas de bilhar.

Ao mesmo tempo, os meninos do Colégio Hebreu Brasileiro tinham uma das melhores equipes de vôlei da cidade; por isso, não foi surpresa terem recebido o convite do América para envergar o uniforme rubro. Mais ainda, sob a batuta do treinador Nelsinho (que mancava de uma perna), aprenderam os segredos da modalidade. E ganhavam, no treino semanal, o vale que permitia comer & beber na lanchonete do clube. Dava pra um sanduíche e uma Coca-Cola.

Mais pra frente, os craques da rede migraram para outros times, especialmente o Botafogo e a Hebraica, já agora sob os olhos do lendário Sammy Mehlinisky. Sem direito a vale.

BICURIM EM CAMPOS SALES

Nos anos 1940, as festividades do Bicurim eram realizadas no campo do América. As minhas mais remotas lembranças da comemoração são essas, de a gente desfilando no campinho do Méquina. Depois, quando os judeus da Tijuca e dos subúrbios migravam para a zona sul, os desfiles passaram a ser realizados no campo do Botafogo, e depois, na Associação dos Servidores Civis, onde hoje se ergue o Canecão.

Bicurim é a Festa das Primícias, dos

primeiros frutos. Uma herança de tempos mais antigos, incorporada aos costumes e tradições hebraicas. Nós, crianças da Escola Herzlia, íamos ao campo do América levando bandeirinhas de Israel nas quais, espetadas, maçãs vermelhinhas, as deliciosas argentinas. Lembram?

Permaneci fiel aos meus sonhos de infância e adolescência. Assim, acabei me envolvendo com a direção do clube, primeiro na excelente gestão de Giulite Coutinho, depois no esforçado período de Wolney Braune. Nessa última gestão, a grande discussão entre diretores e conselheiros era se valia mais a pena investir no time ou no clube. Porque o América, antes de mais nada, é o clube. É claro que não tive direito a voto, mas pude externar meu apoio ao investimento no clube e no esporte amador. Profissionalismo, até hoje, não é a praia do Diabo Rubro.

MARQUES REBELO

O escritor Marques Rebelo era torcedor ardoroso do América. Certa vez, declarou que o dia mais feliz de sua vida foi o 13 de dezembro de 1960, quando o América conquistou o título de Campeão Carioca (em cima do Fluminense), depois de um jejum de 25 anos. Marques Rebelo era o pseudônimo de Eddy Dias da Cruz. Nada eufônico para um escritor, conforme disse numa entrevista a Clarice Lispector.

Todos os anos, às vésperas do início do campeonato, ele publicava na *Última Hora* sua crônica em que afirmava a participação do América (campeão indiscutível do futebol como esporte), assinada por uma centena de personalidades, intelectuais e gente simples, todos torcedores do pavilhão rubro, a cor do pavilhão é a cor do nosso coração. Claro que, a partir de 1958, eu também fui incluído na lista. Da qual participaram ou vieram a participar, entre outros, o Alberto Dines e o Arnaldo Niskier...e também Jorge Amado, João Cabral de Melo Neto, Antonio Bulhões, Néelson Werneck Sodré, Manuel Cavalcanti Proença, Genolino Amado, Guilherme de

Figueiredo, Oto Schneider, José Roberto Teixeira Leite, Sobral Pinto, Max Gomes de Paiva, Mendes de Moraes, Meneses Côrtes, Silveira Sampaio, Glauce Rocha, Sônia Mamede, Isis de Oliveira, Virginia Lane, Silvio Caldas, Carlos Galhardo, Mário Reis, Zumbi, Gontijo Teodoro, Villa-Lobos, Noel Rosa, Francisco Alves, Vicente Celestino, Paulo Celestino, Tim Maia e tantos, tantos outros. Gente da maior qualidade. Não dá pra botar toda a torcida americana numa Kombi, como pretendem os detratores, todos pobres de espírito.

Dizia o manifesto de Marques Rebelo que “pessoas esclarecidas e realísticas, conhecedoras do sistema esportivo citadino, que o profissionalismo tão profundamente modificou, e antes que tudo, genuinamente desportistas, ...incitam a alegre camisa rubra a que mantenha a firme tradição de honrar o esporte e de vencer os campeonos”.

Arnaldo Niskier também era frequentador do clube e chegou a integrar a equipe de basquete...ele mesmo contou numa entrevista a *O Globo* que nadou, jogou futebol de salão, chegou a ser técnico do time infanto-juvenil de basquete.

Um bom retrato do que é o América e sua missão que vai muito além do futebol business foi a inauguração da Biblioteca Popular Marques Rebelo, no dia 31 de julho de 2004, por ocasião do evento “Os artistas da Baixada mostram sua cara e o América conta sua história”, que lançava oficialmente o movimento cultural no projeto América no Coração da Baixada. Foi uma festa muito linda, reunindo vários artistas, literatos, intelectuais, personalidades do esporte e da cultura, políticos e ilustres Americanos de todo o Rio de Janeiro & adjacências. A Biblioteca conta com um acervo de mais de 2500 obras de literatura variada, predominando a didática e infanto-juvenil.

Não me consta que Vasco, Flamengo, Fluminense e Botafogo tenham biblioteca, ou, em todo caso, uma biblioteca como essa, em que a meninada carente da Baixada ganha carteirinha e todos os direitos, sem pagar nada.

EMIL & DR. ROBERTO

Emil Pacheco Pinheiro, nome civil;



Lamartine Babo

Emil Tenenbaum, nome de origem, foi um banqueiro de bicho, “dono” do jogo em Jacarepaguá e Barra da Tijuca. Foi presidente do Botafogo – aliás, com o seu dinheiro salvou o alvinegro da miséria em que se encontrava nos anos 1990. Em 2001, desprezado pelos hipócritas da Rua General Severiano, decidiu “dar um jeito” no América. Não teve tempo, morreu em julho daquele ano. Deve ter sido uma das últimas tentativas do grupo que vê o futebol como business.

Outra tentativa foi de Roberto Marinho. Ele se convenceu de que valia a pena investir no Ameriquinha, chegou a idealizar uma Copa do América, reunindo todos os Américas do Brasil – afinal, em todos os estados do país há Américas disputando os campeonatos, todos com o mesmo uniforme e o mesmo emblema. (A exceção, inexplicável, é o América Mineiro, que além de tudo escolheu um pobre coelho como símbolo, desprezando o clássico Diabo Rubro!). Mas a Copa do América não chegou a ser organizada, rubro-negros e vascaínos infiltrados na cúpula da Rede Globo fulminaram o projeto. Pena.

EXILADOS EM SÃO PAULO

A gente ia ao Maracanã para ver e sofrer com o América. Muitas vezes, eu levava o Igor e o Dani, seu dileto amigo e, claro, torcedor do esquadrão rubro. Às vezes, porém, o coleguinha vinha com o pai a tiracolo, e ele, médico conhecido e

respeitado, perdia as estribeiras no Maraca. Antes mesmo dos jogos começarem, xingava o árbitro, a mãe, o time adversário. Uma baixaria completa. E o filho, envergonhado, pedia baixinho: “Disfarça, faz de conta que ele não está com a gente...”

Fizemos *aliá* para São Paulo no fim de 1971. Mas continuamos a acompanhar o América nos jogos em terras bandeirantes. Eu levava para os estádios uma faixa com os dizeres “Cariocas exilados saúdam o Ameriquinha”. Uma vez, ouvimos o Randal Juliano, na Rádio Jovem Pan, indignado. “Se estão exilados, que voltem para o Rio!”, exclamou. E deve ter ficado muito irritado, o América naquele dia deu um baile no São Paulo...

Uma tarde, no Pacaembu, jogávamos contra o Corinthians. Na torcida rubra, apenas eu, Paulo Celestino e um carioca, representante da torcida Sangue. Até os 30 minutos do segundo tempo, ganhávamos por 1 a 0. Mas a pressão dentro e fora do campo era terrível, os loucos do timão babavam de raiva e ódio. O Corinthians virou em 15 minutos. Se corintianos fossem gente normal (e não são), pulariam de alegria. Não foi o caso: dezenas, talvez centenas deles nos perseguiram pela Avenida Pacaembu, a mim e ao Pedro, filho de um amigo grego, dentro do meu Gordini vermelho, devidamente paramentado com as insígnias do América. Mas aceleramos o carrinho e escapamos. Por pouco, muito pouco...

HISTÓRIA

O América Football Club foi fundado em 18 de setembro de 1904 à Rua Praia Formosa, 83 (atualmente Rua Pedro Alves), Cais do Porto, na residência de Alfredo Mohrsted. Participaram da reunião Alberto Koltzbucher, Alfredo Guilherme Koehler, Alfredo Mohrsted, Gustavo Bruno Mohrsted, Henrique Mohrsted, Jayme Faria Machado e Oswaldo Mohrsted. Não posso afirmar, mas suspeito que os Mohrsted tinham um pé, lá atrás, no judaísmo. Cabe ao Escobar e ao Trajano, grandes representantes da torcida americana na televisão, irem atrás dessa informação. ■

Henrique Veltman, carioca, 76 anos, casado, jornalista, sociólogo e torcedor do América, é colaborador do Boletim ASA.

Para comemorar o Dia Internacional do Trabalho, organizamos um debate, no dia 2 de maio, sobre a situação da classe trabalhadora no Brasil e no mundo. Os debatedores foram Hiran Roedel, professor de História e diretor do Sindicato dos Professores – RJ, e Vito Giannotti, coordenador do Núcleo Piratininga de Cultura.



Foto Sara M. Gruman

Hiran Roedel observado por Vito Giannotti (centro) e Mauro Band, presidente da ASA

Foto Fernando Ariani



◀ **O Coral da ASA** anda com a agenda carregada. Dia 12 de maio, véspera do Dia das Mães, apresentou-se no Lar União, com excelente repercussão. Dia 2 de junho, cantou no Parque do Martelo, Humaitá, como parte das comemorações do Dia do Vizinho. Para o segundo semestre, estão marcadas, por enquanto, duas apresentações: no Froien Farain (11 de agosto) e no Festival Internacional de Corais, em Belo Horizonte (dia 16 de setembro).

O 17º Encontro Coral da ASA será realizado, como de costume, em duas etapas: nos dias 29 de julho e 5 de agosto. Aguarde os detalhes.

■ ■ ■ ■
A segunda edição do livro *K.*, do jornalista Bernardo Kucinski (Editora Expressão Popular), foi lançada no dia 27 de junho, na sede da OAB-RJ. O autor fez uma palestra sobre o tema *Direito à Memória e à Justiça* e depois autografou sua obra. **A ASA** apoiou o evento.

■ ■ ■ ■
A ASA integra o projeto Música no Museu, tradicional série de concertos no Rio. No dia 11 de junho, o Coral IESA-ENCANTO se apresentou em nosso auditório.

O Duo Cancionâncias, formado pela soprano dramática Manuelai Camargo e o violonista Cyro Delvizio, apresentou-se no nosso auditório no dia 27 de junho como parte da série Violão & Cia. O programa constou de compositores brasileiros desde Carlos Gomes até a atualidade, incluindo a estreia mundial da peça *Minha culpa*, escrita por Cyro em homenagem a Manuelai. Tendo como foco a música de câmara com violão, o ciclo incluiu o Trio Dilettante (violonistas Felipe Rodrigues, Alberto Brandão e Olívia Araújo), no dia 30 de maio. O Duo Ritmata (violonista Roberto de Brito e flautista Rachel Castro) e a Orquestra de Violões da Associação de Violão do Rio de Janeiro fizeram seus concertos em abril e março respectivamente.



Foto Jacques Gruman

Trio Dilettante



Foto Sara M. Gruman

O Duo Cancionâncias

Cartas para **ASA**: Rua São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ - CEP 22260-001; telefax (21) 2539-7740 ou e-mail asa@asa.org.br c.c para smgruman@terra.com.br Devem conter nome e endereço completos, telefone e assinatura. Havendo restrição de espaço, poderão ser encurtadas sem autorização dos remetentes

ORIENTAÇÃO PARA A ECT

Endereço para devolução deste impresso: R. São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22260-001